

AI DE TI, ALTO RIO NEGRO!

A SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus - acaba de entregar, através de um Fundo mantido pelas indústrias, um cheque de Cr\$700.000,00 (setecentos mil cruzeiros) para a "educação", em português, dos povos indígenas do Alto Rio Negro, ao mesmo tempo que a SUDAM anunciava que ia financiar um curso de pedagogia em São Gabriel para preparar professores que ensinarão as crianças indígenas, em português.

Incentivo ao turismo, comercialização do artesanato e instalação de novas indústrias foram outras medidas anunciadas, que aprofundam o processo

de destribilização. O Banco do Brasil inaugurou uma agência em São Gabriel onde já existe uma repetidora de TV transmitindo "Buzina do Chacrinha" para a população indígena e mestiça.

Enquanto isto acontecia, uma índia de 15 anos, aluna do Colégio Municipal em Santa Isabel, se suicidava e outro índio, Calixto A. Dias, ex-aluno do S. Miguel Arcanjo, em Yauareté, enfrentava um júri popular por haver cometido homicídio, havendo uma freira - sua ex-professora - servido como peça de acusação. Segundo o antropólogo belga, Marciel D'Ans, todos estes fatos estão ligados. Uma política de repressão cultural, cuja forma mais visível é impedir o uso da língua materna, gera "um desespero que pode chegar, nos casos mais graves, a condutas violentas e/ou suicidárias".

A ESCOLA DESTABILIZA, MATA E COME OU COMO MATAR ÍNDIOS COM GIZ E APAGADOR

Há muitos anos vivia em S. Gabriel da Cachoeira um velho índio. Cantava, pelas ruas, canções de sua tribo e por isso era perseguido como louco. De vez em quando gritava, rouco, uma das poucas frases que articulava em português: AI DE TI SÃO GABRIEL. Com este título, o PORANTIM (Nº 3 - julho 78) publicou uma matéria informando sobre a futura instalação de uma repetidora da TV em S. Gabriel, a construção de um luxuoso hotel, o incentivo ao turismo e a comercialização do artesanato.

Quase todas estas ameaças já se concretizaram na região, onde segundo o atnólogo Eduardo Galvão (Índios e Brancos no Brasil - Paz e Terra - 1979) "a conquista e a apropriação da terra, como a assimilação do seu habitante indígena, até hoje não se consumaram". Galvão explica que "pouco se fala o português no Rio Negro. Além dos vários dialetos indígenas, domina como língua dos caboclos e de índios, a língua geral".

ESCOLA DESTABILIZA

A situação, no entanto, começa a mudar. Começa-se a fazer grandes investimentos no setor educação, visando a destribilização dos índios do Alto Rio Negro, estratégia esta apoiada por entidades governamentais que querem levar "o progresso para a região".

No dia 28 de novembro do corrente, o superintendente da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), sr. Ruy Lins, chamou os jornalistas e fotógrafos que assistiram um estranho ritual: a entrega de um cheque no valor de Cr\$ 700.000,00 (setecentos mil cruzeiros) à Prelazia do Rio Negro, para dinamizar "o processo educativo" na região.

A Prelazia possui atualmente 117 escolas espalhadas em área indígena, mantendo 273 professores que atuam com aproximadamente sete mil alunos apenas no núcleo central. Todo o ensino é ministrado em

português, com um total desprezo pelas línguas indígenas, apesar das insistentes recomendações de todos os organismos nacionais e internacionais sobre a educação bilingüe, e do próprio Estatuto do Índio. Em Mato Grosso, a própria Missão Salesiana já utiliza técnicas de educação bilingüe, o que ainda não é feito no Amazonas, apesar da esperança de que se instale no Rio Negro uma nova pedagogia voltada para o índio.

Os efeitos da escola que impõe um idioma que não é o materno já foram analisados também no PORANTIM nº 3, numa matéria intitulada: "O branco nos colonizou: do sapato ao chapéu, da motoca ao náite clube" frase pronunciada por um velho índio tariano de Yauareté. A destribilização, a perda da identidade cultural, as migrações para a cidade, a descaracterização da indianidade, a prostituição e marginalidade nos centros urbanos, tudo isso conforma uma situação de etnocídio.

"PLANEJAMENTO VERTICALIZADO"

Junto aos Cr\$ 700.000,00 fornecidos pela SUFRAMA através do Fundo Comunitário das Indústrias da Zona Franca..... (FUNCOMIZ) para os programas em educação, a SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) se comprometeu a financiar um curso de licenciatura curta em pedagogia no município de São Gabriel.

O jornalista que comentou o fato acrescentou: "Aldo Costa, Secretário de Educação e Cultura, estava eufórico. Aproveite, Aldo, quem sabe a SUDAM não quer também financiar cursos em outros municípios?"

Mas a SUDAM está interessada mesmo é no Alto Rio Negro, como "cumprimento da nova estratégia", segundo anunciou o superintendente da autarquia, Elias Seffer. Seffer fez uma viagem pelo Alto Rio Negro para verificar "in loco" as possibilidades de

investimentos na área. O nome da nova estratégica é "planejamento verticalizado", mas não foi explicado o que é que é isso.

A EMAMTUR - Empresa Amazonense de Turismo - também entrou na jogada do "planejamento verticalizado". O seu presidente, Italo Bianco, anunciou que os técnicos da EMBRATUR - a Empresa Nacional - já estão no Amazonas para "identificar o espaço turístico" da região.

A quantia de Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros) para a criação de um núcleo de artesanato em S. Gabriel já foi liberado pelo Ministério do Trabalho, segundo informações, no final de novembro, do coordenador do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, sr. Carlos José Magalhães.

ARTESANATO EM SÉRIE

"O artesanato proporciona mais emprego e produção com menos dispêndio de capital, e por isso se torna importante fator de fomento social e econômico, sobretudo para as regiões sub-desenvolvidas; em que a pequena capacidade de poupar reduz a capacidade de investir, indicando boa técnica disponível nos países mais adiantados" e blá-blá-blá-blé-blé-blé-blé, disse o sr. Carlos J. Magalhães.

Qualquer antropólogo sabe que o artesanato feito para o próprio uso da tribo tem toda uma carga de sacralidade para as culturas indígenas, que é perdida quando se começa a produzir em série, que mata o seu sentido religioso e mítico.

O artesanato indígena que é comercializado pela FUNAI e pelas Missões já não representa mais a verdadeira cultura indígena. Originalmente, quando produz os utensílios, o indígena coloca ali uma série de elementos que os identificam enquanto nação ou povo. Pelo desenho de uma flecha sabe-se perfeitamente que foi produzido por seu ou aquele povo.

Quando se coloca a questão da comercialização tem início também o processo de descaracterização, porque os indígenas não produzem excedentes com o sentido de comercializá-lo. O excedente é utilizado para as trocas e para as grandes festas. Quando entra a questão do dinheiro tem início todo o processo de deformação e por fim o que acaba acontecendo é a pura e simples utilização da mão-de-obra indígena para a produção de bens - arcos, flechas, instrumentos musicais, etc - para serem comercializados em Manaus e nos grandes centros brasileiros.

Com o tempo os indígenas abandonam seus desenhos abstratos - para o branco, evidentemente - e passam a desenhar florzinhas, passarinhos, etc. com o objetivo de produzir objetos que sejam do agrado do turista. Desenhos que na maioria das vezes lhes foram transmitidos pela escola. Em síntese, de indígena existe apenas a exploração de sua mão de obra. Os instrumentos fabricados já não têm a autenticidade, são feitos em série e fogem à perspectiva do artesanato. É artesanato para inglês e branco turista ver.

SUICÍDIO E "SOUFFRANCE"

A inauguração de uma agência do Banco do Brasil era necessário, dentro da lógica da nova estratégia, para servir de apoio ao "novo polo de desenvolvimento". Ela foi feita no final de outubro do corrente, com 800 crianças - a maioria indígenas - cantando na igreja a música de Chico Alves intitulada "criança feliz".

No entanto, todo este processo de integração forçada e de destribilização causa profundos choques e traumas. Em meados de novembro, uma "Criança infeliz". Ana Ferreira dos Santos, 15 anos, suicidou-se

com um tiro de espingarda, calibre 24, tendo a carga de chumbo atingido a parte epigástrica do lado superior esquerdo. Era uma índia, aluna da 7ª série do Colégio Municipal de Santa Isabel. Ninguém, nem os próprios pais da menina - segundo a página policial dos jornais - sabe ou sequer suspeita dos motivos do suicídio. Sua foto nos jornais mostra que era ainda uma criança.

O fato é mais estranho: ainda quando sabemos que o suicídio é totalmente desconhecido entre os índios. O indígena, quando pressionado pelo branco, é capaz de matar e até mesmo de fugir, mas não de suicidar-se. O exemplo histórico de Ajuricaba, que teria se jogado na água, é questionado por antropólogos. Admite-se muito mais que Ajuricaba tenha sido "suicidado" pelos portugueses.

Ultimamente, no entanto, tem ocorrido alguns casos de suicídio entre indígenas aculturados. Entre os Guarani, no Paraguai, somente no ano passado verificaram-se cinco casos envolvendo duas mulheres e três homens. Agora, no Rio Negro, que segundo pesquisa do INPA, É A ÚNICA REGIÃO DOBRASIL ONDE A POPULAÇÃO DI-MINIUIU DO CENSO DE 1960 PARA 1970" (Ver Porantim nº 7).

O antropólogo belga Marcel D'Ans, em seu trabalho "Langage et Pathologie Sociale", após constatar uma série de casos como o acima relatado, inclusive uma tentativa de infanticídio pelo pai de uma criança Yaminahua no rio Purus, numa tribo que não o praticava, tentou explicar o fato com a categoria de "souffrance", a "souffrance" não é resultado de nenhuma anomalia individual, mas provém de uma alteração funcional da situação linguística. Ela se dá quando se obriga alguém a falar uma língua que não é a sua língua materna. O Yaminahua que queria praticar o infanticídio era aculturado e alfabetizado na marra por missionários católicos.

Segundo D'Ans, essas anomalias atingem tanto o corpo como o psiquismo, provocadas pelas tensões e conflitos que provocam os impasses linguísticos, "gerando um desespero que pode chegar, nos casos mais graves, a condutas violentas e/ou suicidárias". Ele estabelece assim uma relação entre o uso da língua materna e o psiquismo dos indivíduos.

VIOLENCIA

Os jornais também noticiaram um júri popular, dia 22 de novembro, em São Gabriel, para julgar o índio Calixto Alves Dias, acusado e homicídio. A FUNAI, segundo a notícia, ainda não havia instituído um advogado para defendê-lo, mas o faria. O júri foi montado como uma verdadeira "festa para a população branca e o prefeito Dagoberto Albuquerque confirmou que patrocinaria comida e hospedagem para os que fossem assistir o julgamento, talvez na tentativa de incrementar o turismo vindo de Manaus.

A revdma. madre diretora do Colégio da sMissões Salesianas em Yauareté, em resposta às interpelações por escrito do promotor, prestou os seguintes esclarecimentos: "1º - O indígena Calixto Alves Dias estudou nesta Missão até 1962, cursando o 3º ano primário e foi reprovado no fim do ano letivo; 2º Foi expulso da Missão devido ao seu mal comportamento, pois era briguento com os colegas (sic); 3º Morou dez anos na Colombia, tendo retornado no ano de 1976. Várias testemunhas afirmam que o mesmo voltou viciado no uso da maconha. Os esclarecimentos prosseguem numa página datilografada do Cartório do Registro Civil e Anexos da Tabelião e Escrivã da Comarca de São Gabriel da Cachoeira, enfatizando o caráter violento do réu. (J.BARBOSA)

